

CARCOSA

A CIDADE PERDIDA

ODENILSON BUENO

PREFÁCIO

Por que somos fascinados pelo desconhecido, mesmo que esse seja perigoso ou assustador?

Você acredita na punição divina após a morte?

Você acredita na existência de outros planos de realidade além do mundo físico?

Como podemos encontrar significado e valores em um mundo sem Deus?

Você acredita que a arte pode ser um meio de cura para a insanidade?

Você acredita em castigo para aqueles que conhecem mais do que lhes era devido?

Devemos ser punidos por buscar conhecimento proibido?

PRÓLOGO

O nome Carcosa ecoava em minha mente enquanto eu caminhava pelas ruas empoeiradas daquela cidade decadente. Uma névoa densa pairava no ar, úmida e fétida, impregnando meus sentidos com um cheiro nauseante de limbo e mofo. As árvores ao redor, outrora majestosas, agora eram apenas cascas retorcidas, seus galhos nus estendendo-se para o céu como dedos ossudos. Um lago escuro se estendia a distância, sua superfície coberta por uma névoa impenetrável. Um calafrio percorreu minha espinha. Tudo ali emanava uma sensação de morte e desolação. Não havia sinal de vida, nem mesmo o canto de um pássaro ou o zumbido de um inseto. O silêncio era absoluto, opressivo, como se a própria cidade estivesse prendendo a respiração.

Eu não sabia o que estava fazendo ali. Minha memória era um labirinto de névoa, permeado por flashes de rostos e eventos que não conseguia identificar. Cada passo que eu dava aumentava a sensação de estar perdido, não apenas em Carcosa, mas também em minha própria mente.

Era um sonho? Um delírio? A morte? Em meio ao desespero, um lampejo de lucidez: eu era um nobre visitante de Carcosa.

Mas o que significava isso? Por que eu estava ali? Qual era o meu propósito?

As perguntas martelavam em minha mente enquanto eu vagava pelas ruas vazias, buscando respostas que pareciam se esconder cada vez mais nas sombras.

De repente, um vulto. Uma figura solitária emergiu da névoa, seus olhos arregalados de medo ao me ver. Instintivamente, ela se protegeu, como se eu fosse uma ameaça.

“Vá embora!”, ela gritou, sua voz rouca e áspera. “Este lugar não é para você!”

Suas palavras ecoaram em meus ouvidos enquanto eu a observava se afastar, desaparecendo na névoa densa.

Mais uma vez, sozinho. Continuei caminhando, sem saber para onde ia, guiado apenas por uma força invisível que me impulsionava a seguir em frente.

Carcosa, a cidade dos meus pesadelos. Eu sabia que jamais encontraria paz enquanto não desvendasse os mistérios daquele lugar e o meu papel em sua história.

A jornada havia apenas começado. “Bem-vindo a Carcosa.”

CAPÍTULO I

GÊNESIS – LÚCIFER, A ESTRELA DA MANHÃ

No princípio, existia apenas o vazio. Um vazio infinito e impenetrável, onde a luz e a escuridão se confundiam em um abismo sem nome. Foi nesse abismo que Deus, em sua infinita sabedoria e poder, deu origem ao universo.

Das trevas nasceram os anjos. Seres de pura luz e inteligência, criados para servir e adorar seu criador. Entre eles, destacava-se Lúcifer, a Estrela da Manhã. Arcanjo de beleza inigualável, sabedoria profunda e poder inimaginável, Lúcifer era a personificação da perfeição angelical.

Mas a perfeição pode ser corrompida pelo orgulho.

Encantado com sua própria glória, Lúcifer começou a alimentar pensamentos de rebeldia. Ele questionava a autoridade de Deus e ambicionava um lugar de igualdade com seu criador.

A criação do homem foi a gota d'água. Ao ver Deus criar os humanos à sua imagem e semelhança, Lúcifer se encheu de fúria. Ele considerava os homens seres inferiores e indignos da atenção divina.

Em seu orgulho, Lúcifer se rebelou contra Deus. Ele reuniu um exército de anjos descontentes e os incitou a lutar contra o criador.

Deus disse:

“Lúcifer! Você vivia no Éden, o jardim de Deus... Você vivia no meu monte santo e andava pelo meio de pedras brilhantes. A sua conduta foi perfeita desde o dia em que foi criado, até que você começou a fazer o mal. Você ficou ocupado, comprando e vendendo, e isso o levou à violência e ao pecado. Por isso, anjo protetor, eu o humilhei e expulsei do monte de Deus, do meio das pedras brilhantes. Você ficou orgulhoso por causa da sua beleza... Então, eu o joguei no chão a fim de servir de aviso para outros reis”.

Lúcifer respondeu:

“Deus! Prefiro reinar no inferno a servir no céu. Vou seguir religiosamente um plano para corromper a humanidade até o fim dos tempos. Vou provar que eu tenho razão. Vou provar que a criação do homem foi um erro”.

Uma batalha épica se desenrolou nos céus, com Lúcifer e seus seguidores enfrentando as hostes celestiais lideradas pelo Arcanjo Miguel. No final, a rebelião foi derrotada. Lúcifer e seus anjos rebeldes foram expulsos do paraíso e lançados nas profundezas dos níveis inferiores.

Mas a história de Lúcifer não termina aí. Mesmo derrotado, ele continua a alimentar seu ódio por Deus e pela humanidade. Ele trama e conspira para corromper os homens e levá-los à perdição.

A batalha entre o bem e o mal continua. Lúcifer, a Estrela da Manhã, outrora um anjo de luz, agora é o Príncipe das Trevas. E a guerra entre o céu e o inferno se estende por toda a eternidade.

Depois de uma eternidade caindo, vieram repousar em Carcosa.

Em Carcosa, eles se transformaram em demônios, seres de pura maldade e eternamente condenados.

A maior frustração de Lúcifer está em torno do livre arbítrio.

Se existe um caminho predestinado para toda a criação, então todos os pecados e erros fazem parte desse plano?

Isso torna o castigo eterno injusto?

A própria rebelião dos anjos foi planejada por Deus?

CAPÍTULO II – parte I

1976-77: O INÍCIO DA INSANIDADE

A MALDIÇÃO DA CIDADE DE CARCOSA

O frio aquecia a estrada deserta que passava ao lado de uma escola a uns 20 quilômetros da cidade mais próxima. O vento soprava descontentamento e poeira pelos meus olhos, juntamente com o gosto metálico da água salobra retirada dos poços artesianos. As casas desmoronadas da vizinhança se erguiam como castelos ao meu redor, seus telhados de telhas sujas e suas janelas de madeiras podres pareciam atenuar a paisagem local. Um silêncio mortal pairava no ar, quebrado apenas pela minha insônia. De repente, na madrugada, uma imagem chamou minha atenção.

No centro da porta, jazia uma figura de um índio. Era um homem velho, com roupas brancas e um rosto enrugado. Usava um cocar com penas coloridas. Seus olhos eram cansados e sua respiração, suave.